


Corpo devir

Adriana Andrade Alves *

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora do Colégio de Aplicação da UFRJ no Setor de Orientação Educacional. Especialista em Educação Psicomotora pelo Colégio Pedro II (2018). Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Federal Fluminense (2013). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012).

 <http://orcid.org/0000-0002-5518-2134>

Recebido em 15 nov. 2019. **Aprovado** em: 22 jan. 2020.

Como citar este poema:

ALVES, Adriana Andrade. Corpo devir. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. 222-223. ISSN 2317-2347.

Disparar desdobramentos,
Corporificar narratividades e conferir existência
Enunciar-se em sua própria produção
Em um mapa de linhas de fuga
Que insistem em tensionamentos e desterritorializam o gesto
Onde os afetos ganham cor, cheiro, sabor
Deformam e rasgam corpos fechados
Produzindo fraturas no corpo, microfraturas
E fazem mexer a forma, vibrar os contornos
E questionar o valor dos valores
Sacrifício da trajetória no gesto torcido
Que torce saberes, corpos e lugares
Devires que invadem e enlouquecem a forma
Para suportar a turbulência
Devir é preciso!
Olhares que interrogam
Hibridizando esse corpo disparador
Que desventura algo que passa

*

 adriana.aalves@yahoo.com.br



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1644>

Entrecruzando limites e
Bifurcando o endurecimento da forma de si
Que parcializam experiências
Enrijecendo o que se sabe e traçando o que se deve
Movendo o elo territorial da experiência
Que é fôlego das inclusões desse porCOR
Nesse corpo devir.